

APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL NA ABORDAGEM DOS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA: REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

DANIELA GIARETA DURANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

FABIANA REGINA VELOSO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ (UNIOESTE)

DIEGO DE QUEIROZ MACHADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL NA ABORDAGEM DOS ESTUDOS BASEADOS EM PRÁTICA: REVISÃO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

1 INTRODUÇÃO

A discussão sobre aprendizagem nas organizações é recorrente no campo dos estudos organizacionais. O tema já foi explorado por meio de diversas abordagens ontológicas e epistemológicas que se refletem em um campo multiparadigmático e complexo. Apesar da diversidade de perspectivas, se desenvolveu pautada na visão essencialmente utilitarista e na racionalidade instrumental, cujo foco da aprendizagem está voltado ao estímulo à mudança, à inovação e à utilidade estratégica, ou seja, à busca por melhores desempenhos (ANTONELLO; GODOY, 2010; BERTOLIN; ZWICK; BRITO, 2013; BISPO; GODOY, 2012; EASTERBY-SMITH; ARAUJO, 2001).

Deste modo, o tema apresenta lacunas no tocante a contribuições de outras áreas como Sociologia, Antropologia, História e Ciência Política (ANTONELLO; GODOY, 2009; BISPO, 2013). Após revisarem as principais produções brasileiras sobre o tema, Antonello e Godoy (2009, p. 276) evidenciam a necessidade de realização de estudos com “ampla base de disciplinas de conhecimento, visando à transdisciplinaridade” pelas contribuições que diferentes áreas podem fornecer para compreender a natureza processual dos fenômenos sociais como a aprendizagem nas organizações.

É neste ponto que se visualiza o potencial dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) para contribuir com o avanço do conhecimento sobre a aprendizagem nas organizações. Com o viés sociológico, os EBP têm o espaço social como *locus* para os processos de aprendizagem e a geração de conhecimento e utilizam as práticas para compreender os fenômenos sociais e organizacionais. Disso decorre que o conhecimento é uma construção coletiva, produzida, reproduzida e modificada por meio de práticas sociais (GHERARDI, 2000, 2001, 2012; GHERARDI; NICOLINI, 2001; GHERARDI; STRATI, 2014; RECKWITZ, 2002). Os EBP compõem uma abordagem que retorna aos estudos sociais no movimento *practice turn*, movimento iniciado, na área de Administração, em 1998, por ocasião de um simpósio da *Academy of Management*, proposto por Davide Nicolini e Dvora Yanow (BISPO, 2011). É uma abordagem recente, especialmente no contexto brasileiro.

Destaca-se que seis revisões da produção brasileira sobre aprendizagem organizacional foram disponibilizadas na última década. Antonello e Godoy (2009) exploraram os discursos formadores do campo de conhecimento da aprendizagem organizacional que utilizou a metodologia denominada metatriangulação do período 2001-2005. Macedo *et al.* (2011) realizaram estudo bibliométrico sobre aprendizagem gerencial do período 1996-2008. Bispo e Mello (2012) realizaram um levantamento da produção sobre aprendizagem nos níveis de grupo e organizacional, referente ao período de 2000-2011. Faqueti, Alves e Steil (2016) centraram a revisão na relação entre aprendizagem organizacional e o contexto de bibliotecas acadêmicas de 2005 a 2015. Oliva e Shinyashiki (2016) revisaram a produção que trata especificamente da validação de escalas de aprendizagem organizacional do período 1990-2015. Por fim, Carrasco e Silva (2017) analisaram a produção sobre aprendizagem informal no contexto de trabalho até 2016.

Acerca dos estudos baseados em prática, uma análise geral da produção brasileira foi feita por Bispo, Soares e Cavalcante (2014), sem, no entanto, focar a aprendizagem organizacional. Desse modo, o objetivo deste trabalho consiste em analisar a produção científica nacional sobre aprendizagem organizacional que utilizou a abordagem dos estudos baseados em prática. Para tanto, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (i) apresentar a evolução da produção científica sobre o tema; (ii) identificar o perfil de autoria e cooperações entre autores; (iii) descrever as características metodológicas das produções; e (iv) investigar as temáticas correlatas.

A pesquisa abrangeu os artigos disponíveis na base de dados da *Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL)* e no portal de periódicos da Capes, publicados até o ano de 2017. Foi feita revisão sistemática dos textos a fim de analisar criteriosamente as características da produção científica e, com isto, contextualizar a pesquisa sobre aprendizagem na abordagem dos EBP, apontando como está se desenvolvendo no contexto brasileiro.

Dado que não foram identificados estudos que revisem a produção científica nacional em aprendizagem organizacional no contexto dos estudos baseados em prática, reforça-se as contribuições potenciais deste trabalho ao explorar e apresentar as características desse campo de convergência entre as duas áreas mediante análise das publicações produzidas.

2 APRENDIZAGEM ORGANIZACIONAL E SUAS PERSPECTIVAS

A aprendizagem organizacional tornou-se amplamente reconhecida na década de 1990. Se caracteriza por um campo multiparadigmático, dada diversidade de abordagens teóricas e metodológicas que a circunda (ANTONELLO; GODOY, 2010; BISPO; GODOY, 2012; EASTERBY-SMITH; ARAUJO, 2001), o que levou Prange (2001) a atribuir o sentido de “selva”. Para exemplificar tal diversidade, recorre-se ao estudo seminal de Easterby-Smith (1997), que consiste num dos primeiros esforços de classificar o tema. O autor reúne as contribuições em seis perspectivas acadêmicas, com base nos pressupostos ontológicos presentes em cada uma delas: perspectiva da psicologia, perspectiva da ciência gerencial, perspectiva da teoria organizacional, perspectiva da estratégia, perspectiva da gestão da produção e perspectiva da antropologia cultural. Uma breve descrição de cada perspectiva, com algumas adaptações feitas por Bispo e Godoy (2012), é apresentada no Quadro 1.

Quadro 1 – Perspectivas da aprendizagem organizacional

Perspectiva	Descrição
Perspectiva da psicologia	Concentra-se no desenvolvimento humano no contexto organizacional, propondo a existência de diferentes níveis ou estágios quando se trata da aprendizagem individual, a qual é influenciada pelo ambiente e pelas experiências organizacionais, e envolve a interrelação entre pensamento e ação.
Perspectiva das ciências administrativas	Enfoca a aquisição e o processamento da informação na organização, com especial destaque para a criação e a disseminação do conhecimento em nível organizacional
Perspectiva estratégica	Visa examinar até que ponto a aprendizagem proporciona vantagem competitiva às organizações e de que forma as organizações são capazes de se adaptar às constantes mudanças promovidas pelas próprias organizações e pelo ambiente onde estão inseridas.
Perspectiva da gestão da produção	Ênfase no relacionamento entre aprendizagem e eficiência organizacional, em termos de produtividade.
Perspectiva cultural	Estuda como a cultura – em suas manifestações nacionais e organizacionais – influencia os processos e a própria natureza da aprendizagem.
Perspectiva sociológica	Busca o entendimento de como os sistemas sociais e as estruturas organizacionais afetam a aprendizagem que ocorre no interior das organizações, chamando atenção para os aspectos relacionados ao poder, à política e aos conflitos que constituem parte da realidade organizacional.

Fonte: Bispo e Godoy (2012, p. 688).

Em estudo posterior, Easterby-Smith e Araújo (2001) explicam que, em síntese, os estudos da aprendizagem organizacional seguiram dois caminhos: foco na aprendizagem como um processo técnico ou como um processo social. Na visão técnica, a aprendizagem organizacional concentra-se no processamento e interpretação de informações internas e externas a fim de produzir mudanças. Para os autores, Huber (1991, p. 89) elucida essa perspectiva: “Uma entidade aprende se, por meio do processamento de informações, o âmbito de seus comportamentos potenciais se modifica”. O termo processo técnico é modificado para aprendizagem como resultado/produto na revisão seguinte de Easterby-Smith e Lyles (2005), sendo essa nomenclatura seguida por outros autores a partir de então.

O caminho técnico é dominante e observável nas perspectivas constantes no quadro 1, principalmente nas perspectivas das ciências administrativas, estratégica e da produção. Neste caminho desenvolveram-se teorias comportamentais e cognitivas que visam a eficiência organizacional, a produtividade, o desenvolvimento de estratégias competitivas, a mudança de comportamento para adaptação ao ambiente. Em outras palavras, predomina o pensamento utilitarista, próprio do paradigma funcionalista.

A revisão da produção brasileira sobre a aprendizagem organizacional conduzida por Antonello e Godoy (2009) confirma que a produção é sustentada predominantemente por modelos advindos da Psicologia e da Ciência da Administração, com forte influência da vertente econômica. Segundo as autoras, os modelos teóricos baseiam-se na aprendizagem experiencial e dos ciclos, curvas de aprendizagem e modelos mentais, os quais priorizam enfoques mais comportamentais voltados para melhoria no desempenho. Assim, “a aprendizagem é tratada como um fenômeno técnico e cognitivo, fonte de vantagem competitiva e como resultado” (ANTONELLO; GODOY, 2009, p. 276).

O caminho que concebe a aprendizagem organizacional como um processo social concentra-se no significado que as pessoas atribuem as suas experiências de trabalho. “A aprendizagem é algo que emerge de interações sociais, normalmente no ambiente natural de trabalho” (EASTERBY-SMITH; ARAUJO, 2001, p. 19), por isso envolve as práticas estabelecidas e a socialização em comunidade de práticas. Nesta perspectiva, encontra-se a noção da aprendizagem como construção social, como processo político e como artefato cultural.

A perspectiva social é tratada como alternativa à dominante e considerada uma tendência na evolução do tema. Bertolin, Zwick e Brito (2013, p. 493) afirmam que a perspectiva sociológica se destaca como “contraponto da visão tradicional cognitivista por considerar o processo de aprendizagem como fenômeno incorporado ao cotidiano, sendo, portanto, fruto das interações sociais”. Bispo e Godoy (2012, p. 688), igualmente, reconhecem que especialmente as perspectivas da psicologia e da sociologia “têm se enriquecido ao adotar abordagens paradigmáticas apoiadas nas tradições do interpretacionismo e do construcionismo, assim como do pós-modernismo crítico”.

Como o recorte aqui proposto é o da sociologia, a partir daqui dar-se-á ênfase a essa perspectiva.

2.1 Aprendizagem organizacional na perspectiva sociológica e estudos baseados em prática

A perspectiva sociológica da aprendizagem organizacional é discutida por Gherardi e Nicolini (2001), por meio do estabelecimento de narrativas, com base em quatro tradições da sociologia identificadas por Collins (1994). Às quatro tradições, Gherardi e Nicolini (2001) acrescentam o pós-modernismo, justificando que apesar de não ser considerado uma tradição tem embasado a reflexão sobre o conhecimento e a aprendizagem organizacional como prática discursiva. As narrativas são apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 – Narrativas de aprendizagem organizacional

Tradição sociológica	Narrativa de aprendizagem organizacional
Tradição do Conflito (Marx, Engels, Weber)	- AO como ideologia de um grupo de poder. - AO como política de mobilização de recursos de poder e conflito - AO como tentativa de gerenciar a tensão entre a racionalidade substantiva e a formal.
Racional/Utilitária (Humans, Blau, Cook, Simon)	- AO como resolução de problemas, quando o desempenho da organização não conhece os níveis de aspiração. - AO como a ativação da troca no trabalho em rede. - AO como aprendizagem ecológica, localizada e distribuída pelos multiautores dentro das rotinas, ao invés de dentro da mente dos indivíduos.

Durkheimiana (Durkheim)	<ul style="list-style-type: none"> - AO como uma variável dependente de outras variáveis (estratégia, estrutura ou cultura) define as condições que facilitam ou dificultam a aprendizagem organizacional. A aprendizagem é compreendida como uma das funções do sistema organizacional que engendram mudança sobre algumas ocasiões e conservam sobre outras. - AO como socialização de códigos culturais específicos. Conceitua aprendizagem organizacional como socialização, que sintetiza conteúdos de diferentes ordens da sociedade, porque as ações seletivas em sua chance de vida criam um senso de determinar inevitavelmente ordem social e restringir o resultado de mudança que é permitida.
Microinteracionista Peirce, Mead, Hursstel, Schutz e Garfinkel)	<ul style="list-style-type: none"> - AO como transmissão de conhecimento dentro das comunidades ocupacionais - AO como rótulo que produz uma realidade socialmente construída e é produzida por esta realidade.
Pós-Moderna	- AO como prática discursiva.

Fonte: Adaptado de Gherardi e Nicolini (2001).

Essas narrativas evidenciam que mesmo a perspectiva sociológica compreende a aprendizagem organizacional de forma diversa. A tradição Durkheimiana apresenta-se mais funcionalista, enquanto a racional/utilitária mais estruturalista. A tradição de conflitos tem uma postura mais crítica e as tradições microinteracionista e pós-moderna mostram-se mais construtivistas e interpretativistas (BISPO, 2013).

No entanto, o aspecto central da perspectiva sociológica, independentemente do posicionamento epistemológico, é que a aprendizagem ocorre nas relações sociais dos indivíduos, enquanto participam de uma sociedade, ou seja, na interação (GHERARDI; NICOLINI, 2001). Diferentemente de outras perspectivas, a sociologia não parte do pressuposto que a aprendizagem acontece na mente das pessoas. A perspectiva sociológica “sugere que a aprendizagem está integrada no cotidiano da vida dos indivíduos. Sugere também que grande parte da aprendizagem seja oriunda da fonte informal das relações sociais, o que introduz, posteriormente, o conceito de prática” (ANTONELLO; GODOY, 2010, p. 315). Deste modo, a aprendizagem extrapola o processamento de informações e alteração da estrutura cognitiva para a ideia de processo de participação e integração (BISPO, 2013).

Por isso, eleger uma perspectiva sociológica da aprendizagem implica explicar a natureza dos engajamentos sociais que promovem o contexto para a aprendizagem. O processo de aprendizagem está relacionado ao conhecimento social (GHERARDI; NICOLINI, 2001). Um contexto que resgata a história, a linguagem e a materialidade como mediadores. Por isso é uma perspectiva que direciona o olhar para o *lócus* das práticas sociais, onde a produção, reprodução e transformação do conhecimento/saber acontecem.

O termo “prática” é amplamente utilizado no meio acadêmico, por várias áreas do conhecimento e referindo-se a vários fenômenos, por isso é necessário esclarecer como o mesmo é empregado nesta pesquisa. Segundo Davel (2014), a produção brasileira de aprendizagem organizacional, na perspectiva sociológica, apoia-se na epistemologia da prática de Gherardi e seus colaboradores. Esta autora adota a prática como unidade de análise e construção epistemológica do que ela chama de estudos baseados em prática ou aprendizagem baseada em prática. Trata-se, portanto, de “um sistema de atividades nas quais o saber não está separado do fazer e das situações e poderia ser chamado de conhecimento co-produzido por meio da atividade” (GHERARDI; NICOLINI, 2001, p. 49).

Gherardi (2006, p. 34) define uma prática “como um modo relativamente estável no tempo e socialmente reconhecido de ordenar elementos heterogêneos em um conjunto coerente”. De maneira complementar, a autora apresenta quatro características para o entendimento do termo: 1) como um grupo de atividades adquire significado e torna-se reconhecido enquanto unidade; sendo o foco o conjunto que as atividades assumem em um contexto de ação situada; 2) o tempo em que essa ação situada se mantém; 3) a condição de ser reconhecida socialmente e, 4) um modo de organização de mundo.

Neste estudo, assume-se a proposição de Gherardi (2000, 2001, 2006, 2012) da aprendizagem organizacional baseada em prática. Assim, abordar a aprendizagem baseada em prática é buscar o processo de construção do conhecimento gerado no meio social, na sua realização cotidiana, nas práticas sociais. E, como processo, é preciso perceber a dinamicidade dessa construção, as relações e mediações que emergem, a negociação para concretização das formas de aprender e o conhecimento que reproduz uma realidade social ou a transforma. É com esta perspectiva que as práticas inseridas no contexto das organizações devem ser compreendidas como *locus* para o estudo da aprendizagem.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa possui natureza predominantemente qualitativa (GRAY, 2012) e descritiva (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013). No tocante aos procedimentos, a pesquisa é documental, realizada por meio da revisão sistemática da produção científica sobre o tema proposto. Segundo Noronha e Ferreira (2000, p.191), os trabalhos de revisão analisam a “produção bibliográfica em determinada área temática, dentro de um recorte de tempo, fornecendo uma visão geral ou um relatório do estado-da-arte sobre um tópico específico, evidenciando novas ideias, métodos, subtemas que têm recebido maior ou menor ênfase na literatura especializada”. Esses aspectos também são mencionados por De-La-Torre-Ugarte-Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2011, p. 1261) ao afirmarem que se trata de "uma metodologia rigorosa proposta para: identificar os estudos sobre um tema em questão, aplicando métodos explícitos e sistematizados de busca; avaliar a qualidade e validade desses estudos, assim como sua aplicabilidade". Assim, a revisão sistemática oferece benefícios ao campo de estudo, em especial, propicia a compreensão sobre o percurso das pesquisas em determinadas áreas.

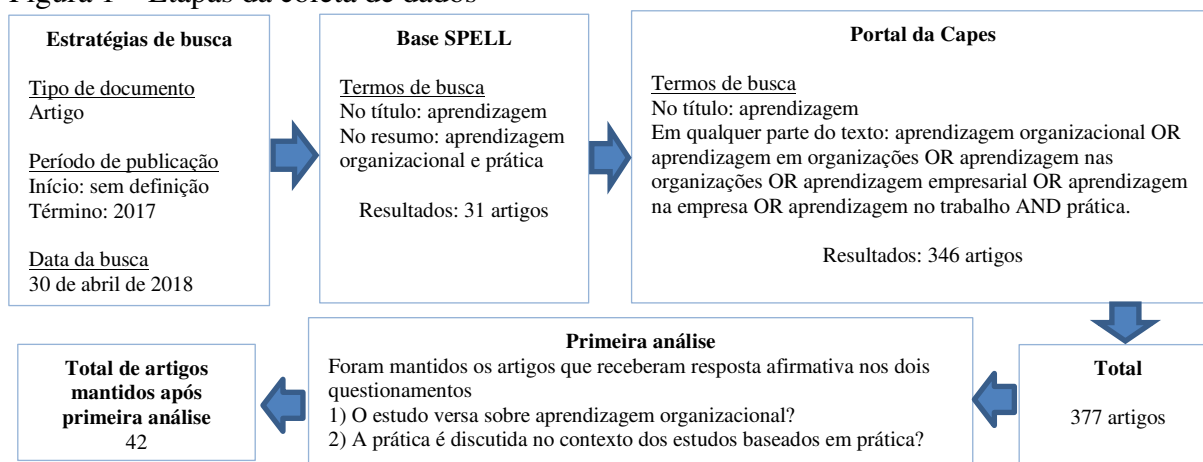
A coleta de dados foi realizada em bases de dados de consulta pública; no repositório da *Scientific Periodicals Electronic Library (SPELL)*, por ser um sistema de indexação, pesquisa e disponibilização de acesso livre aos trabalhos completos dos principais periódicos nacionais na área de Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo. Também se recorreu ao Portal de Periódicos da Capes, por ser mais abrangente, contando com amplo acervo de títulos e mais de 120 bases referenciais (CAPES, 2018).

Para fazer a busca, tinha-se em mente obter todas as publicações a respeito da aprendizagem organizacional que utilizou a abordagem dos estudos baseados em prática, independentemente do ano de publicação. Para a definição das estratégias de busca, vários testes foram realizados visando o resultado mais abrangente possível, inclusive explorando os diferentes campos de busca disponíveis na base. Vários termos, considerados sinônimos pela literatura, foram testados. Por fim, optou-se por fazer a busca avançada utilizando somente o termo “aprendizagem”, no título do documento, e os termos “aprendizagem organizacional” e “prática”, no resumo do documento.

Neste formato, obtiveram-se 31 artigos como resultado na SPELL e 346 artigos revisados por pares como resultado no Portal da Capes, totalizando 377. Os resultados de ambas as bases traziam o título, autores, periódico em que foi publicado, ano de publicação, resumo, palavras-chave e o *link* para obter o texto completo. Com essas informações e, quando necessário, com o texto completo, foi feita a primeira análise, identificando se cada um dos artigos atendia a proposta deste estudo de discutir a aprendizagem organizacional na abordagem dos estudos baseados em prática, descartando os que não contemplavam essa abordagem do tema. Para auxiliar no processo, eram feitos dois questionamentos: 1) O estudo versa sobre aprendizagem organizacional? 2) A prática é discutida no contexto dos estudos baseados em prática? Para ser mantido, o artigo deveria receber resposta afirmativa nas duas questões. Nesta fase, também foram descartados de uma das bases os textos repetidos. Após essa análise, permaneceram na pesquisa 42 artigos.

A exclusão ocorreu porque o portal de periódicos da Capes abrange periódicos de todas as áreas do conhecimento e como o termo aprendizagem (único critério de busca no título do documento) é utilizado em várias áreas do conhecimento, muitos artigos da área da Educação retornaram nos 346 resultados. Além disso, o termo “prática”, utilizado como filtro, também é um termo utilizado em muitas áreas do conhecimento e representando diferentes fenômenos, de maneira que o emprego do termo muitas vezes não correspondia à abordagem dos estudos baseados em prática proposta aqui. A figura 1 apresenta uma síntese das etapas de coleta de dados.

Figura 1 – Etapas da coleta de dados



Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Na sequência, passou-se para a segunda análise. Nesta etapa, os textos completos dos 42 artigos foram (re)analisados para a coletada das informações com base nos objetivos específicos: título, periódico, ano de publicação, autoria, afiliação e titulação dos autores, objetivo do estudo, palavras-chave, temática correlatas e características metodológicas. Em alguns casos também se recorreu ao currículo *lattes* dos autores para obter informações complementares dos mesmos como afiliação e titulação. Também se recorreu a Plataforma Sucupira da Capes para mais informações dos periódicos. Uma planilha no *Microsoft Excel* foi criada para sistematização dessas informações que, na seção seguinte, são apresentadas em formato de quadros, tabelas ou gráficos.

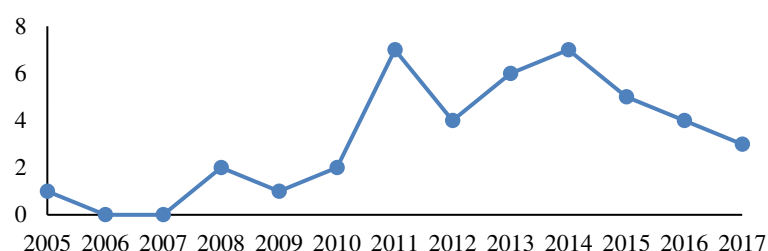
Em se tratando da análise dos dados, com a revisão sistemática dos artigos, foi possível identificar a quantidade de artigos publicados por ano e os periódicos que publicaram, elucidando a evolução da produção. O perfil de autoria foi verificado no que consiste na quantidade de autores por texto, a afiliação e titulação dos autores, os autores que mais publicaram sobre o tema e as cooperações entre autores. Neste caso das cooperações entre autores, foram utilizados os *softwares UCINET6 e NetDraw*.

Quanto as características metodológicas, verificou-se a tipologia quanto à natureza, à abordagem das pesquisas e aos procedimentos metodológicos, e verificou-se também as técnicas de coleta e análise dos dados. Por fim, foram analisadas as temáticas correlatas discutidas nos artigos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Apesar do tema da aprendizagem organizacional ser amplamente explorado, as investigações que utilizam a abordagem dos estudos baseados em prática, uma narrativa pós-moderna, são recentes. A primeira publicação brasileira localizada data de 2005. O gráfico 1 apresenta a quantidade de produções por ano, evidenciando a evolução das pesquisas sobre o tema.

Gráfico 1 – Evolução da quantidade de artigos ao longo dos anos



Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

A quantidade anual não pode ser considerada volumosa, mas um aspecto relevante é que a partir de 2008 em todos os anos ocorreram publicações e a partir de 2011 o número de publicações manteve-se acima de quatro, evidenciando uma abordagem nova do tema e em desenvolvimento no contexto brasileiro. Por outro lado, observa-se uma tendência a queda das produções após 2014. O fato de poucas pesquisas adotarem alguma das perspectivas sociológicas da aprendizagem já foi apontado em outros estudos como de Bispo e Mello (2012).

Para verificar a evolução da produção, também se considerou relevante conhecer os periódicos em que os 42 artigos sobre o tema foram publicados. O Quadro 3 apresenta essas informações. A informação da classificação corresponde à área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, quadriênio 2013-2016, disponível na plataforma Sucupira.

Quadro 3 – Periódicos em que os artigos foram publicados

Periódico	ISSN	Qualis	Qtde.
Revista de Administração Mackenzie – RAM	1678-6971	B1	6
Revista de Administração Pública-RAP	0034-7612	A2	4
Revista de Administração Contemporânea – RAC	1415-6555	A2	3
Cadernos EBAPE.BR	1679-3951	A2	3
Teoria e Prática em Administração	2238-104X	B2	2
Revista Eletrônica de Administração – READ	1413-2311	B1	2
Revista Administração em Diálogo – RAD	2178-0080	B3	2
Alcance	1413-2591	B2	2
Brazilian Business Review – BBR	1808-2386	A2	1
Organizações & Sociedade	1413-585X	A2	1
Revista de Administração de Empresas – RAE	2178-938X	A2	1
Administração Pública e Gestão Social – APGS	2175-5787	B1	1
Gestão e Produção	1806-9649	B1	1
Perspectivas em Ciência da Informação	1981-5344b	B1	1
Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas–REGPE	2316-2058	B1	1
Revista de Gestão – REGE	2177-8736	B1	1
Faces: Revista de Administração	1984-6975	B2	1
Gestão & Planejamento	2178-8030	B2	1
HOLOS	1807-1600	B2	1
Revista Pensamento Contemporâneo em Administração	1982-2596	B2	1
Revista Organizações em Contexto	1982-8756	B2	1
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	2236-417X	B3	1
Revista Brasileira de Gestão e Inovação	2319-0639b	B3	1
Revista de Administração, Contabilidade e Economia – RACE	2179-4936	B3	1
Revista Interdisciplinar de Gestão Social – RIGS	2317-2428	B4	1
Texto Livre: Linguagem e Tecnologia	1983-3652	-	1
		Total	42

Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Os artigos foram publicados em 26 diferentes periódicos brasileiros, a se destacar a RAM, RAP, RAC e Cadernos EBAPE.BR, que publicaram maior quantidade. De modo geral, os artigos foram publicados em periódicos brasileiros de referência, cuja qualidade e impacto nacional e internacional são conferidos pela classificação Qualis Periódicos da Capes, visto que

mais de 80% da produção está em periódicos A2 (13 artigos), B1 (13 artigos) e B2 (9 artigos). Apenas um artigo foi publicado em periódico não classificado na área de Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, mas este periódico é classificado em outras áreas do conhecimento, a exemplo da Interdisciplinar com extrato B2.

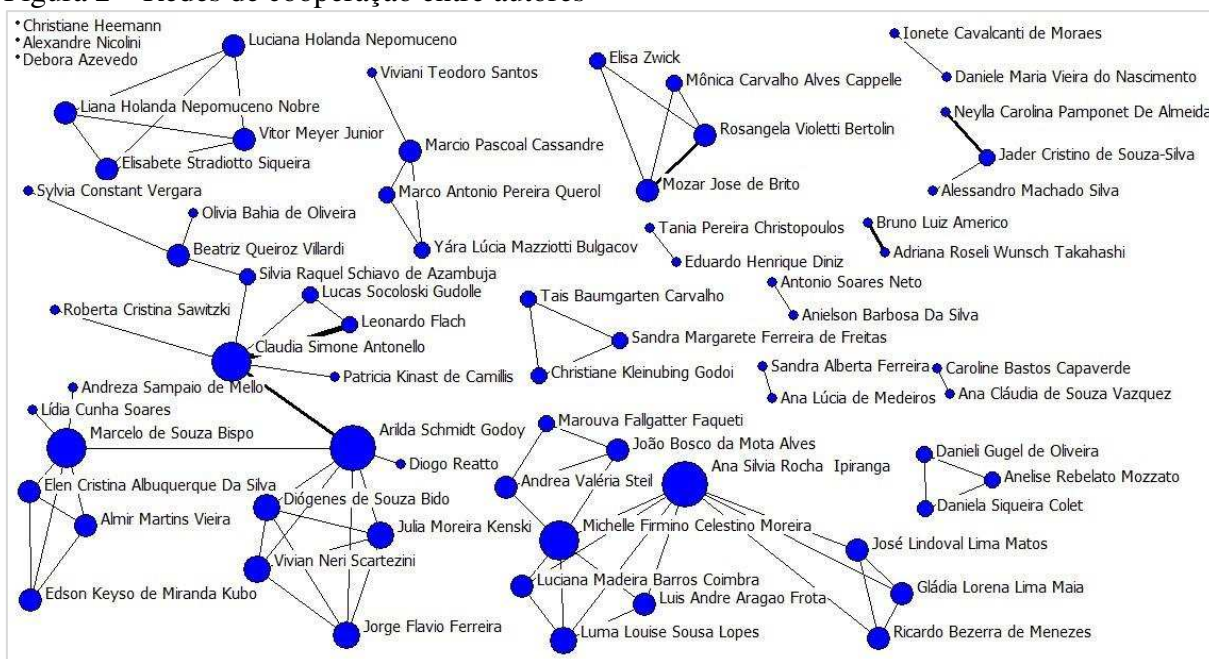
4.1 Perfil de autoria

A autoria dos 42 textos está sob a responsabilidade de 69 diferentes autores. A grande maioria da produção é realizada em parceria entre autores, pois apenas seis artigos são de autoria individual. Predomina a parceria entre dois autores, com quase 60% da produção. Quanto a titulação dos autores, a grande maioria possuía na época da publicação doutorado.

Dos 69 autores, 13 participam de mais de uma publicação e os demais 56 autores participam de uma única publicação. Dentre os autores, três se destacam pela quantidade de publicações, o que motivou conhecer o histórico dos mesmos a partir do currículo *lattes*. Claudia Simone Antonello (oito produções) é doutora em Administração, professora do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Administração da UFRGS e bolsista produtividade Cnpq. Tem histórico de publicação nacional e internacional sobre aprendizagem nas organizações e entre seus temas de pesquisa estão as práticas e aprendizagem nas organizações (CNPQ, 2018). Arilda Schmidt Godoy (cinco produções) é doutora em Educação e professora do Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Nos últimos anos sua produção acadêmica esteve focada nas áreas de educação e administração (CNPQ, 2018). Marcelo de Souza Bispo (cinco produções) é doutor em Administração, professor do Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Administração da UFPB. Entre seus temas de interesse estão estudos baseados em prática e aprendizagem e conhecimento (CNPQ, 2018). Os três professores mantêm projetos de pesquisa sobre aprendizagem organizacional e teorias da prática (CNPQ, 2018).

Uma análise que se mostra relevante, são as cooperações estabelecidas na realização das pesquisas, pois demonstra o esforço na disseminação da abordagem. Na figura 2 constam os 69 autores, sendo que o tamanho do círculo demonstra a centralidade que o autor ocupa na rede, enquanto a espessura da seta demonstra a força da relação.

Figura 2 – Redes de cooperação entre autores



Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Pode-se identificar a formação de algumas redes e o papel articulador que alguns autores desempenham na formação das mesmas. Tem-se uma rede maior, formada por 21 autores e articulada pelos três pesquisadores com maior quantidade de publicações (Antonello, Godoy e Bispo). Nesta rede, destaca-se Godoy (Mackenzie) que se encontra unindo os outros dois grupos, portanto, desempenhando papel central. O segundo maior grupo é formado por 11 autores articulados especialmente por Ipiranga (UECE). Quanto à força das relações, a grande maioria é relativa a uma publicação. A relação mais forte ocorre entre Antonello e Flach (3 produções), seguida de Antonello e Godoy (2 produções), Brito e Bertolin (2 produções), Souza-Silva e Almeida (2 produções) e Américo e Takahashi (2 produções).

Também relacionada a autoria dos textos, está a afiliação dos autores. A esse respeito, os 42 textos foram desenvolvidos no âmbito de 27 Instituições de Ensino Superior (IES), havendo concentração em torno de quatro: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Presbiteriana Mackenzie, que juntas somam quase 50% da produção. Esta concentração pode ser explicada pelo fato dos autores que possuem mais publicações terem vínculo com essas IES. Outra situação é que das 27 IES, 16 possuem um único texto publicado. As 27 IES abrangem, geograficamente, as cinco regiões do país, o que é relevante para a disseminação e fortalecimento da temática em âmbito nacional.

4.2 Características metodológicas

Em relação à natureza da pesquisa, dos 42 artigos, 15 são teóricos e 27 teórico-empíricos. Quanto à abordagem da pesquisa, 40 artigos são qualitativos, um é quantitativo e um é misto, ou seja, quase a totalidade da produção adotou a pesquisa qualitativa. Essa abordagem se justifica porque nos estudos sobre práticas sociais a preocupação volta-se para o aprofundamento da compreensão de uma realidade social que é situada e se constitui de forma única e distinta e, por isso, passível de ser pesquisada (GOLDENBERG, 2009). Nesta direção seguem os posicionamentos de Gherardi (2012) e Nicolini (2013), entre outros, que orientam que os estudos sobre práticas são essencialmente qualitativos. Deste modo, identifica-se que a produção brasileira está coerente com esse pressuposto metodológico dos estudos baseados em prática.

No tocante ao procedimento metodológico adotado (Tabela 1), observa-se a predominância do estudo de caso, o que se aproxima da perspectiva dos estudos de práticas situadas, desde que o recorte analítico seja a prática e seu contexto de constituição. Na literatura estrangeira, priorizam-se métodos etnográficos e *grounded theory* justamente porque estas estratégias possibilitam pesquisar as práticas no contexto social (BISPO; SOARES; CAVALVANTE, 2014; GHERARDI, 2012). Na perspectiva sociológica os estudos empíricos também podem recorrer a análises que resgatam o caráter histórico e processual das práticas, por meio de história de vida, história oral e hermenêutica.

Tabela 1 – Procedimento metodológico

Estudos teóricos	Qtde.	Estudos teórico-empíricos	Qtde.
Ensaio teórico	8	Estudo de caso	13
Pesquisa bibliográfica	7	Pesquisa de campo	7
		Revisão da produção	3
		Hermenêutica	1
		História de vida	1
		História oral	1
		Levantamento interpretativo	1
Total	15	Total	27

Fonte: Elaborada pelos autores (2018).

Outro destaque são as pesquisas bibliográficas e ensaios teóricos, que juntamente com as revisões da produção, somam 18 trabalhos (34,6%). Isso mostra o caráter recente das pesquisas desenvolvidas no contexto de aprendizagem e práticas sociais, pois retratam uma preocupação que sustenta o início de estudos mais amplos, ou seja, antes de desenvolver um estudo empírico buscam compreender as teorias que fundamentam os trabalhos e as direções dos estudos.

A respeito da coleta de dados empíricos (Tabela 2), total de 26 artigos, as técnicas empregadas, na maioria das vezes, buscaram estabelecer relações entre pesquisador e sujeitos e captar informações e significados, características próprias de estudos qualitativos. A técnica predominante foi a entrevista, mas, no geral, foram empregadas mais de uma técnica, uma complementando a outra como, por exemplo, entrevista, observação e análise documental.

Tabela 2 – Técnicas de coleta e de análise dos dados empíricos

Técnica de coleta de dados empíricos	Qtde.	Técnica de análise de dados empíricos	Qtde..
Entrevista	23	Análise interpretativa	6
Observação	13	Análise de conteúdo	5
Documental	9	Análise do discurso	3
Conversa informal	2	Análise interpretativa e dialética	2
Diário de campo	2	Estatística descritiva e factorial	2
Grupo focal	2	Revisão sistemática	3
Inspiração bibliométrica	3	Triangulação	2
Questionário	2	Análise narrativa e conversação	1
Depoimento	1	<i>Gounded theory</i>	1
Método confrontação	1	Inspiração fenomenológica	1
		Total	26

Fonte: elaborada pelos autores (2018).

Como a orientação para pesquisas das práticas sociais é o desenvolvimento de estudo etnográfico e este se caracteriza pelo emprego da técnica de observação participante (CAVEDON, 2014), identificou-se a utilização dessa técnica em 13 dos 26 estudos empíricos e a observação sistemática foi mais comum a participante. Gherardi (2012) recomenda a observação participante das atividades práticas como forma de “viver” a realidade situada e perceber especialmente as relações e atores que constituem a prática, bem como os conhecimentos e processos de transmissão do saber-fazer. Deste modo, identifica-se essa carência na produção brasileira.

No tocante às técnicas utilizadas para análise dos dados empíricos, como pode ser observado na Tabela 2, foram adotadas diferentes técnicas da pesquisa qualitativa, priorizando a interpretação dos significados. A estatística descritiva foi utilizada em dois artigos que contemplaram a abordagem quantitativa. Ainda sobre a análise, observou-se o uso de análises cujas unidades de análise não foram as práticas propriamente ditas, mas organizações ou sujeitos. Neste sentido, o posicionamento de Reckwitz (2002), Gherardi (2012), Nicolini (2013) e Gherardi e Strati (2014) são similares no tocante aos fundamentos desta perspectiva analítica, que define como unidade de análise a prática, entendendo-a como local onde o social se manifesta e se constitui. Justificam que eleger a prática como *locus* para estudar fenômenos como a aprendizagem possibilita alcançar uma visão mais assertiva e abrangente sobre como o processo de aprendizagem ocorre no cotidiano situado na realidade social.

4.3 Temáticas correlatas

Os estudos, de modo geral, utilizam a aprendizagem e destacam temas relevantes à proposta teórico-metodológica dos EBP. A partir destes temas, discutem amplamente a perspectiva teórica de EBP. Azevedo (2013) esclarece um dos principais pressupostos que sustentam os EBP, a prática como epistemologia. Este trabalho recorre a vários trabalhos de EBP, especialmente à proposta da pesquisadora Silvia Gherardi que retoma a construção da

definição da prática como *locus* de realização social, de geração de uma ordem social que orienta os praticantes na vida social (GHERARDI, 2002). Uma unidade analítica que permite compreender os processos sociais na sua condição de produção, reprodução e transformação. Este artigo é essencial para os pesquisadores que desejam abordar a prática tal como foi pensada nos EBP, sem correr o risco de visualizar a prática como um mecanismo determinista ou funcionalista. Além deste, todos os trabalhos bibliográficos e os ensaios teóricos foram relevantes nas suas contribuições, pois cada um ampliou debates sobre a caracterização dos estudos de aprendizagem ou a amplitude de alguns temas relevantes aos EBP.

O tema mais citado e discutido em diversos estudos é comunidade de prática como foco de análise das categorias explicitadas por Lave e Wenger (1991) e também apresentadas por Nicolini e Gherardi (2001). Estes trabalhos buscam compreender como a aprendizagem ocorre nas comunidades de prática, pautando-se nos pressupostos sociológicos.

Uma temática que faz parte do escopo dos EBP corresponde à experiência que coloca em discussão a ação do sujeito no cotidiano das práticas situadas. Neste contexto, a proposta de EBP pressupõe um sujeito que não apenas aprende no fazer. Isto implica discutir as bases filosóficas sobre o potencial de ação do sujeito e todas as dimensões mediadoras do processo. Assim é preciso analisar a intencionalidade, a estética, as relações de poder, a materialidade, a historicidade e qualquer outro aspecto que contribui para orientar o sujeito a agir. Neste contexto, a experiência do sujeito histórico que aciona a reflexão e a consciência de modo corriqueiro, passivo ou ativo constituem discussões importantes aos EBP e, alguns trabalhos iniciaram discussões nessa direção.

A estética e corporeidade também são destacadas como dimensões que entrelaçam as categorias afetiva e social na construção do conhecimento prático que conduz a julgamentos éticos e estéticos que orientam o sujeito no cotidiano da prática social. Deste modo, constitui-se como uma categoria analítica relevante para compreender como a aprendizagem se constitui no contexto de EBP. Na perspectiva cultural-interpretativista, um artigo relaciona a aprendizagem na produção teatral em uma organização não-governamental evidenciando as características culturais no processo.

A improvisação aparece como uma dimensão relevante ao estudo do contexto situado e cotidiano da aprendizagem baseada prática, fazendo analogia com a prática dos musicistas na apresentação do choro como um ritmo musical que exige conhecimento, mas que se desenvolve pautado em constantes improvisos na sua execução.

Outras temáticas que se relacionam com as teorias que deram origem a alguns pressupostos de EBP são percebidas nos estudos de redes, perspectiva multi-atores e teoria da atividade. Estes artigos também recorrem a alguns pressupostos de EBP, mas alguns estudos também se pautam na análise empírica positivista, com um direcionamento determinista sobre o que os praticantes devem aprender para conseguir êxito na sua prática ou os estágios e níveis de aprendizagem dos praticantes.

Por outro lado, destaca-se o estudo de Américo (2016) que contribui com uma análise coerente sobre a influência da teoria da atividade que é ampliada por ele a partir de um diálogo entre a perspectiva social-política da aprendizagem social, a teoria ator-rede e os estudos foucaultianos. O trabalho de Querol, Cassandre e Bulgacov (2014) ampliam o entendimento da Teoria da Atividade como uma forte vertente de estudos dos EBP, mostrando as direções que esta vertente percorre para constituir uma perspectiva analítica e teórica da aprendizagem a partir das práticas sociais. Uma das contribuições deste artigo está no estudo dos teóricos de tradição russa que teorizam a aprendizagem expansiva a partir da perspectiva histórico-cultural vinculado ao materialismo dialético, ampliando as explicações sobre a relação sujeito-objeto na constituição do conhecimento que é ensinado no contexto das atividades humanas, ou seja, é materializado em artefatos culturais.

De modo semelhante, Américo e Takahashi (2014) e Capaverde e Vazquez (2015) trazem as relações de poder como dimensão mediadora da construção do conhecimento prático que gera um modo de aprendizagem situada que reproduz ou contesta o conhecimento social. Estes autores atingem um certo tom pós-modernista nas suas análises quando apresentam um olhar crítico para analisar as diferentes vozes que constituem a dinâmica da organização prática. Esta sensibilidade crítica também compõe o conjunto de pressupostos construcionistas dos EBP (BISCOLI, 2017; GERGEN, 2014).

Na direção pós-moderna também pode-se destacar a contribuição de Christopoulos e Diniz (2008) que relacionam a aprendizagem ao contexto da construção de identidade, usando como referência a teoria do ator em rede. Neste estudo destaca-se também o uso da *Grounded Theory* como metodologia. Na abordagem pós-moderna aparece ainda a tecnociência, em que os autores esclarecem o modo como a relação entre as dimensões material e social formam o contexto da aprendizagem. Este trabalho se destaca pela contribuição de suas referências filosóficas e teóricas que sustentam esta perspectiva. Gherardi (2012) discute a materialidade da prática como formadora de um contexto de aprendizagem em prática.

Por fim, destaca-se a contribuição dos estudos empíricos, que exemplificam o uso de metodologias e relações analíticas capazes de explicar a aprendizagem pela perspectiva dos EBP, discutindo os temas da formação de gestores, cultura de segurança, aprendizagem de serventes de limpeza, aprendizagem de cozinhar e aprendizagem de técnicos administrativos. E, ainda, estudos que exemplificam estratégias metodológicas como a metatriangulação e a etnometodologia, que ampliam o entendimento dos pressupostos de EBP e desenvolvem uma metodologia de análise da aprendizagem por meio de práticas situadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção científica sobre aprendizagem organizacional, que utilizou a abordagem dos estudos baseados em prática, foi revisada a fim de retratar o contexto das publicações brasileiras no que diz respeito à evolução das publicações, ao perfil de autoria, às características metodológicas e às temáticas correlatas.

Para o interesse deste trabalho adotou-se a concepção de aprendizagem na perspectiva sociológica, especificamente aquela que toma a aprendizagem como um processo construído no cotidiano das relações sociais com a mediação de múltiplas mediações, a partir da epistemologia da prática de Silvia Gherardi. Assim as práticas sociais revelam-se como contextos de organização social que geram conhecimento e aprendizagem.

Verificar a evolução das publicações consistiu no primeiro objetivo específico. A esse respeito, verificou-se que a aprendizagem organizacional na abordagem dos EBP é uma discussão recente no mundo e, no contexto brasileiro, as publicações começaram a surgir no início da década de 2000. Embora o quantitativo não seja elevado, concentra-se em periódicos de impacto nacional e internacional, evidenciando estar em processo de fortalecimento.

A autoria das publicações (segundo objetivo específico) está sob a responsabilidade de pequenos grupos e ainda dispersos, até mesmo pelo caráter recente das discussões. Por outro lado, a grande maioria das produções é fruto de parcerias entre autores, ficando em evidência três pesquisadores pela quantidade de artigos publicados, representando as universidades brasileiras UFRGS, UFPB e Mackenzie. Estes autores inclusive fazem parte da mesma rede de autoria e se configuram como disseminadores da temática no país.

No tocante às características metodológicas (terceiro objetivo específico), constatou-se que há um grande número de publicações que citam os termos de busca “aprendizagem”, “aprendizagem organizacional” e “prática”. Mesmo após seleção dos trabalhos aderentes ao tema localizaram-se vários com posturas epistemológicas mais estruturalistas e positivistas, o que contraria os pressupostos básicos da perspectiva adotada neste trabalho. Por razões semelhantes também há trabalhos que intentaram estabelecer uma relação entre as temáticas,

mas realizaram análises elegendo como unidades de análise organizações ou sujeitos e não a prática como propõe os estudos baseados em prática.

Destaca-se que o estudo de caso pode ser utilizado como proposta metodológica nos estudos empíricos de EBP, mas o recorte analítico deve voltar-se às práticas sociais e todo o seu contexto de constituição. Assim, considera-se que os estudos brasileiros ainda carecem de amadurecimento e debate para constituírem um corpo de publicações que atendam aos pressupostos pretendidos pelos idealizadores de EBP. Por outro lado, dentre os trabalhos analisados também estão uma parcela que se orientam por pressupostos coerentes com EBP tanto no que diz respeito às temáticas como na construção dos desenhos de pesquisa empírica.

Pode-se mencionar o número significativo de artigos que desenvolveram análises teóricas e a relevância de suas contribuições pois cada um deles ampliou debates sobre a caracterização dos estudos de aprendizagem ou de alguns temas relevantes aos EBP. Isso demonstra que ainda há muito o que se aprender e compreender sobre as bases filosóficas que sustentam as teorizações sobre EBP, e os pesquisadores brasileiros tem, aos poucos, se dedicado a esta busca, embora, o número de publicações tenha caído após 2014. Este dado, entretanto, por si só, não significa redução de empenho ou de publicações, pois é possível que os pesquisadores brasileiros estejam recorrendo a eventos e periódicos internacionais, onde a temática já está mais desenvolvida ou disseminada.

Mais especificamente a respeito das temáticas correlatas, que consistiu no quarto objetivo específico, verificou-se que a grande parte dos estudos se dedicou a esclarecer os aspectos teóricos da aprendizagem na relação entre diversos temas de interesse. A temática aprendizagem organizacional foi recorrente, mantendo relações com boa parte das demais, estando essas inseridas no contexto dos EBP, na maioria das vezes. Discussões de aspectos metodológicos igualmente estiveram presentes entre as temáticas.

Ainda pode-se destacar estudos que buscaram não somente compreender a perspectiva de EBP, mas iniciaram o desenvolvimento de temáticas que contribuem investigando lacunas para ampliar a compreensão teórica dos EBP como é o caso da análise do imprevisto como mediação dos processos de construção do conhecimento no cotidiano das práticas sociais e o resgate do poder como uma dimensão pouco explorada nos estudos contemporâneos de EBP.

Deste modo, pode-se concluir que a pesquisa sobre aprendizagem na abordagem dos EBP tem pouca inserção no contexto brasileiro. Isso pode ser decorrente da pequena quantidade de estudos realizados e pesquisadores envolvidos, da falta de qualidade dos trabalhos que não conseguem se inserir nos periódicos, da falta de periódicos brasileiros que aceitem em seu escopo este tipo de publicação, ou da escolha dos pesquisadores por publicarem em periódicos internacionais. Estas motivações sugerem a realização de outras pesquisas como o mapeamento da produção dos pesquisadores brasileiros em períodos internacionais.

Conclui-se também, a partir das discussões teóricas e teóricas-empíricas suscitadas pela produção aqui revisada que a aprendizagem organizacional, discutida na abordagem dos EBP, que toma as práticas inseridas no contexto das organizações como *locus* para o estudo da aprendizagem, apresenta potencial para preencher algumas lacunas da tradição técnica e como resultado.

REFERÊNCIAS

AMÉRICO, B. L. Aprendizagem organizacional, teoria ator-rede e estudos Foucaultianos: tempo, espaço e poder. **Revista Adm. FACES Journal Belo Horizonte** v. 15 n. 4 p. 66-78 out./dez. 2016.

AMÉRICO, B. L.; TAKAHASHI, A. R. W. Conhecimento, aprendizagem organizacional e poder na rede: um estudo de caso na Secretaria de Educação e Cultura de Coahuila, México. **Revista Administração Pública**, v. 48, n. 2, p. 411-437, mar./abr. 2014.

ANTONELLO, C. S. A metamorfose da aprendizagem organizacional: uma revisão crítica. In: RUAS, R. L.; ANTONELLO, C. S.; BOFF, L. H. **Aprendizagem organizacional e competências**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. A encruzilhada da aprendizagem organizacional: uma visão paradigmática. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 2, p. 310-332, 2010.

ANTONELLO, C. S.; GODOY, A. S. Uma agenda brasileira para os estudos em aprendizagem organizacional. **RAE**, v. 49, n. 3, p. 266-281, 2009.

AZEVEDO, D. Aprendizagem organizacional e epistemologia da prática: um balanço de percursos e repercussões. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social-RIGS**, v2, n1, jan/abr 2013.

BERTOLIN, R. V.; ZWICK, E.; BRITO, M. J. Aprendizagem organizacional socioprática no serviço público: um estudo de caso interpretativo. **Revista Administração Pública**, v. 47, n. 2, p. 493-513, 2013.

BISCOLI, F. R. V. **A dimensão cultural como construção social incorporada na prática de Secretariado Executivo da Sicredi do oeste paranaense** (Tese) Programa de Mestrado e Doutorado em Administração. Universidade Positivo. Curitiba, 2017.

BISPO, M. de S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para a investigação da aprendizagem nas organizações. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 16, n. 5, p. 684-704, 2012.

BISPO, M. S. Aprendizagem organizacional baseada no conceito de prática: contribuições de Silvia Gherardi. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 6, São Paulo, 2013.

BISPO, M. S. **O processo aprendizagem coletiva e o uso de tecnologias em agências de viagens**: contribuições dos estudos baseados em prática e da etnometodologia (Tese). Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2011.

BISPO, M. S., SOARES, L. C., CAVALCANTE, E. D. C. Panorama dos estudos sobre “prática” no Brasil: uma análise da produção. In: ENANPAD, 38., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, 2014.

BISPO, M. S.; MELLO, A. S. A miopia da aprendizagem coletiva nas organizações: existe uma lente para elas? **Revista Gestão e Planejamento**, v. 12, n. 3, p. 728-745, 2012.

CAPES. **Portal de Periódicos**. Disponível em:

<http://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pcontent&view=pcontent&alias=missao-objetivos&Itemid=102>. Acesso em: 15 de junho de 2018.

CARRASCO, T. S.; SILVA, F. M. Aprendizagem informal no contexto de trabalho: um meta-estudo da produção científica brasileira. **Revista de Administração Mackenzie**, v.18, p.137-163, 2017.

CAVEDON, N. R. A qualidade de vida no trabalho na área da Segurança Pública: uma perspectiva diacrônica das percepções olfativas e suas implicações na saúde dos servidores. **Organizações & Sociedade**, v. 21, p. 875-892, 2014.

COLLINS, R. **Four sociological traditions**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

CAPAVERDE, C. B.; VAZQUEZ, A. C. S. Implantação de processo eletrônico no sistema judiciário: um estudo sobre aprendizagem organizacional em uma secretaria de gestão de pessoas. **REAd**, v. 81, n. 2, p. 462-490, maio/agosto 2015.

CHRISTOPOULOS, T. P.; DINIZ, E. H. Sustentação das comunidades virtuais de aprendizagem e de prática. **Organizações em contexto**, v. 4, n. 8, dezembro 2008.

DAVEL, E. Primeiro momento: sobre a prática em contexto brasileiro. In: GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

DE-LA-TORRE-UGARTE-GUANILO, M. C.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M. R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260 - 1266, 2011.

EASTERBY-SMITH, M. Disciplines of organizational learning: contributions and critiques. **Human Relations**, n. 50, p. 1085-1113, 1997.

EASTERBY-SMITH, M.; ARAUJO, L. Aprendizagem organizacional: oportunidades e debates atuais. In: EASTERBY-SMITH, M.; BURGOYNE, J.; ARAUJO, L. **Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem**: desenvolvimento na teoria e na prática. São Paulo: Atlas, 2001.

EASTERBY-SMITH, M.; LYLES, M. (Eds.). **Handbook of organizational learning and knowledge management**. Malden: Blackwell, 2005.

FAQUETI, M. F.; ALVES, J. B. M.; STEIL, A. V. Aprendizagem organizacional em bibliotecas acadêmicas: uma revisão sistemática. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.21, n.4, p.156-179, 2016.

GERGEN, K. J. Culturally inclusive psychology from a constructionist standpoint. **Journal for the theory of social behaviour**. v. 45, n. 1, p. 95-107, 2014.

GHERARDI, S. **How to conduct a practice-based study**: problems and methods. Edward. Massachusetts, USA: Elgar Publishing Limited, 2012.

GHERARDI, S. **Organizational knowledge**: The texture of workplace learning. Blackwell, Oxford Prometheus, v. 24, n. 2, 2006.

GHERARDI, S. From organizational learning to practice based knowing. **Human Relations**. v. 54, n. 1, p. 131–139, 2001.

GHERARDI, S. Practice-Based Theorizing on Learning and Knowing in Organizations: An Introduction. **Organization**, v. 7, n. 2, p. 211-223, 2000.

GHERARDI, S.; NICOLINI, D. The sociological foundations of organizational learning. In: DIERKES, M. et al. (Org.) **Organizational learning and knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 35-60.

GHERARDI, S.; STRATI, A. **Administração e aprendizagem na prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 11. ed. São Paulo: Record, 2009.

GRAY, D. E. **Pesquisa no mundo real**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

HUBER, G. Organizational learning: the contributing processes and the literature. **Organizational Science**, v. 2, p. 88-115, 1991.

LAVE, J.; WENGER, E. **Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation**. New York: Cambridge University Press, 1991.

MACEDO, M.; BOTELLO, L. L. R.; DUARTE, M. A. T.; FIALHO, F. A. P. Revisão bibliométrica sobre a produção científica em aprendizagem gerencial. **Gestão e Sociedade**, v. 4, n. 8, p. 619-639, 2011.

NICOLINI, D. **Practice Theory, Work and Organization: An Introduction**. UK: Oxford University Press, 2013.

NORONHA, D; FERREIRA, S. Revisões da literatura. In: CAMPELLO, B. S; CENDÓN, B. V; KREMER, J. M. (Eds) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000. p. 191-198.

OLIVA, C. C.; SHINYASHIKI, G. T. Estudo sobre validação de escalas de aprendizagem organizacional no Brasil. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.12, n. 3, p. 303-322, 2016.

PRANGE, C. Aprendizagem organizacional: desesperadamente em busca de teorias? In: EASTERBY-SMITH, M., BURGOYNE, J., ARAUJO, L. **Aprendizagem organizacional e organização de aprendizagem: desenvolvimento na teoria e na prática**. São Paulo: Atlas, 2001.

QUEROL, M. A, P.; CASSANDRE, M. P.; BULGACOV, Y. L. M. Teoria da Atividade: contribuições conceituais e metodológicas para o estudo da aprendizagem organizacional **Gestão e Produção**, v. 21, n. 2, p. 405-416, 2014.

RECKWITZ, A. Toward a theory of social practices: a development in culturalist theorizing. **European Journal of Social Theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.